



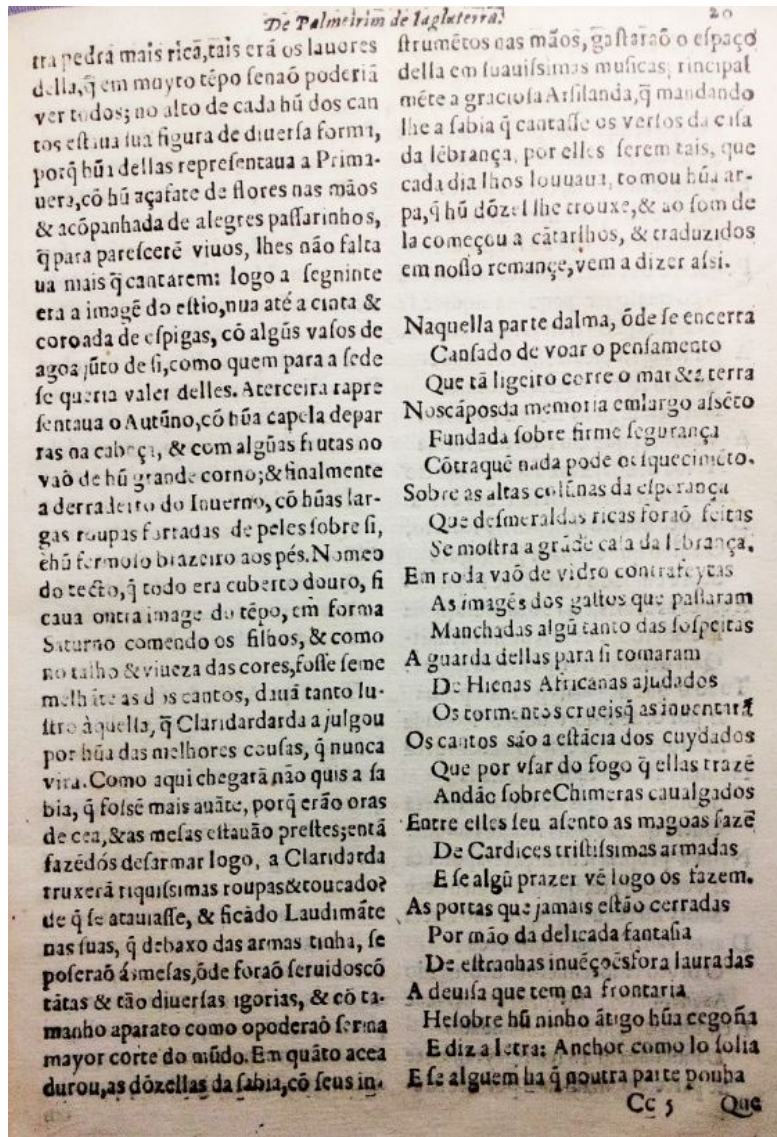
# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

## Palmeirim IV (1604)- Poema

Fac-símile

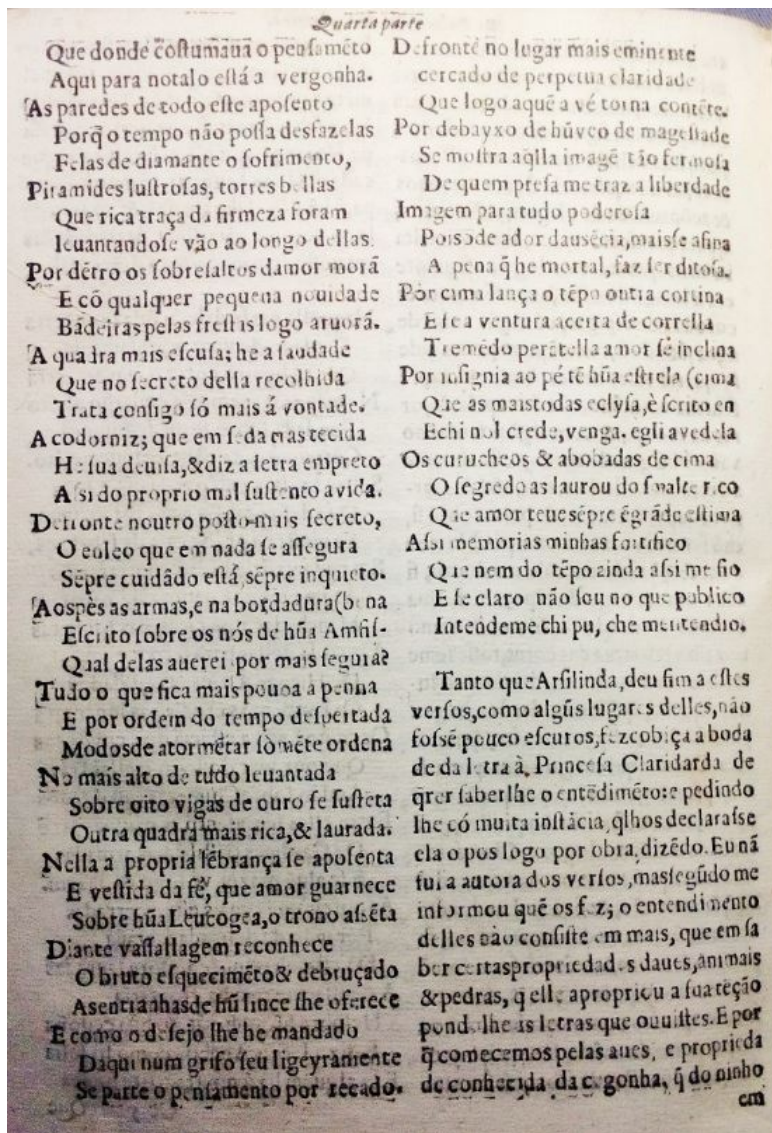
[20r/b]





# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO



## Edição paleográfica

[20r/b] Naquelle parte dalma, òde se encerra | Canfado de voar o pensamento | Que tã ligeiro corre o mar & a terra | Nos câpos da memoria em largo alçêto | Fundada sobre firme segurança | Cõtraquẽ nada pode o esquecimẽto. | Sobre as altas colũnas da esperança | Que de smeraldas ricas forão feitas | Se mostra a grãde casa da lẽbrança. | Em roda vão de vidro contrafeytas | As imagẽs dos gasts que passaram | Manchadas algũ tanto das sospeitas | A guarda dellas para si tomaram | De Hienas Africanas ajudados | Os tormentos crueis que as inuentarã | Os cantos são a estãcia dos cuydados | Que por vfar do fogo que ellas trazẽ | Andão sobre Chimeras caualgados | Entre elles seu asento as magoas fazẽ | De Cardices tristissimas armadas | E se algũ prazer vẽ logo os fazẽ. | As portas que jamais estão cerradas | Por mão da delicada fantasia | De estranhas inuẽções fora lauradas. | A deuifa que tem na frontaria | He sobre hũ ninho ãtigo hũa cegoña | E diz a letra: Anchor com lo folia. | E se



# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

alguem ha *que* noutra parte ponha | [20v/a] Que donde costumaua o penfamêto | Aqui para notalo está a vergonha. | As paredes de todo este aposento | Porque o tempo não possa desfazelas | Felas de diamante o sofrimento, | Piramides lustrosas, torres bellas | Que rica traça da firmeza foram | leuantandose vão ao longo dellas | Por dêtro os sobrefaltos de amor morã | E cõ qualquer pequena nouidade | Bãdeiras pellas freftas logo aruorã. | A quadra mais escufa: he da laudade | Que no secreto della recolhida | Tratta contigo só mais à vontade. | A codurniz; que em seda trastecida | He sua deuifa, & diz a letra empreto | Afsi do proprio mal fustento a vida. | Defronte noutro pofto mais secreto, | O enleo que em nada se affegura | Sêpre cuidãdo está sempre inquieto. | Aos pès as armas, e na bordadura | Escrito sobre os nós de hũa Amfilbena | Qual dellas auerei por mais segura? | Tudo o que fica mais pouoa a penna | E por ordem do tempo despertada | Modos de atormêtar sòmête ordena | No mais alto de tudo leuantada | Sobre oito vigas de ouro se fustêta | Outra quadra mais rica, & mais laurada. | Nella a propria lêmbrança se aposenta | E vestida da fé, que amor guarnece | Sobre hũa Leucogea, o trono affêta | Diante vassalagem reconhece | O bruto esquecimento & debruçado | Asentranhas de hũ lince lhe oferece. | E como o defejo lhe he mandado | Daqui num grifo seu ligeiramente | Se parte o pensamento por recado. | [20v/b] Defronte no lugar mais eminente | cercado de perpetua claridade | Que logo a quẽ a vé torna contête. | Por debayxo de hũ veo de magestade | Se mostra aqlla imagẽ tão fermosa | De quem prefa me traz a liberdade. | Imagem para tudo poderosa | Pois õde a dor daufêcia, mais se afina | A pena *que* he mortal, faz fer ditosa. | Por cima lança o tẽpo outra cortina | E se a ventura acerta de corrella | Tremêdo perãtella amor se inclina. | Por insignia ao pé tẽ hũa estrella | Que as mais todas eclipfa, è escrito encima | Echi nol crede, venga. egli auedela. | Os corucheos & abobadas de cima | O segredo as laurou do esmalte rico | Que amor teue sêpre ã grãde estima | Afsi memorias minhas fortifico | Que nem do tẽpo ainda afsi me fio | E se claro não fou no que publico | Intendame chi puo, che mentendio.

## Edição crítica

[20r/b] Naquela parte d' alma onde se encerra,  
cansado de voar o pensamento  
que tão ligeiro corre o mar e a terra,  
nos campos di memória em largo assento,  
fundada sobre firme segurança,  
contra quem nada pode o esquecimento.  
Sobre as altas colunas da esperança,  
que de esmeraldas ricas foram feitas,  
se mostra a grande Casa da Lembrança;  
em roda vão de vidro contrafeitas  
as imagens dos gastos que passaram  
manchadas algum tanto das sospeitas,  
a guarda delas para si tomaram,  
de Hienas Africanas ajudados,  
os tormentos cruéis que as inventaram.  
Os cantos são a estância dos cuidados  
que por usar do fogo que elas trazem



# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

andam sobre Quimeras cavalgados;  
entre eles seu assento as mágoas fazem  
de Cardisces tristíssimas armadas,  
e se algum prazer vem, logo os fazem.  
As portas, que jamais estão cerradas  
por mão da delicada fantasia,  
de estranhas invenções fora[m] lavradas.  
A devisea que tem na frontaria  
é sobre um ninho antigo ãa cegonha,  
e diz a letra: «Anchor com ío folia».  
E se alguém há que noutra parte ponha  
[20v/a] que donde costumava o pensamento  
aqui para notá-lo está a vergonha.  
As paredes de todo este aposento,  
porque o tempo não possa desfazê-las,  
fê-las de diamante o sofrimento.  
Pirâmides lustrosas, torres belas,  
que rica traça da firmeza foram  
levantando-se, vão ao longo delas.  
Por dentro os sobressaltos de amor moram  
e com qualquer pequena novidade  
bandeiras pelas frestas logo arvoram.  
A quadra mais escusa é da saudade,  
que, no secreto dela recolhida,  
trata consigo só mais à vontade.  
A codurniz, que em seda trás tecida  
é sua devisea, e diz a letra, em preto:  
«Assi do próprio mal sustentó a vida».  
Defronte noutro posto mais secreto,  
o enleo que em nada se assegura  
sempre cuidando está, sempre inquieto,  
aos pés as armas, e na bordadura,  
escrito sobre os nós de ãa Anfisbena  
«Qual delas haverei por mais segura?».  
Tudo o que fica mais povoa a pena  
e por ordem do tempo despertada  
modos de atormentar somente ordena.  
No mais alto de tudo levantada,  
sobre oito vigas de ouro se sustenta  
outra quadra mais rica e mais lavrada;  
nela a própria lembrança se aposenta  
e vestida da fé, que amor guarnece,  
sobre ãa Leucogea, o trono assenta,  
diante vassalagem reconhece  
o bruto Esquecimento, e debruçado,  
as entranhas de um lince lhe oferece.  
E como o desejo lhe é mandado,



# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

daqui num grifo seu ligeiramente  
se parte o pensamento por recado.  
[20v/b] Defronte no lugar mais eminente,  
cercado de perpétua claridade,  
que logo a quem a vê torna contente,  
por debaixo de um véo de magestade  
se mostra aquela imagem tão fermosa  
de quem presa me traz a liberdade.

Imagem para tudo poderosa,  
pois onde a dor da ausência mais se afina  
a pena, que é mortal, faz ser ditosa.  
Por cima lança o tempo outra cortina  
e, se a ventura acerta de corrê-la,  
tremendo per ant'ela amor se inclina.

Por insígnia ao pé tem ùa estrela  
que as mais todas eclipsa, e escrito em cima:  
«E chi nol crede, venga egli a vedela».

Os coruchéos e abóbadas de cima  
o segredo as lavrou do esmalte rico,  
que amor teve sempre em grande estima  
assi memórias minhas fortifico,  
que nem do tempo ainda assi me fio,  
e se claro não sou no que publico  
intenda-me *chi può, che m'intendio*.

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “Palmeirim de Inglaterra III-IV (1604): composições poéticas”, em *O Universo de Almorol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.